



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

**Dostoiévski e a compaixão:
leituras éticas dos *Escritos
da casa morta***

*Dostoiévski and compassion:
ethical readings of the
Dead house writings*

Autor: Rodrigo Siqueira Batista
Universidade Federal de Viçosa,
Viçosa, Minas Gerais, Brasil

Autor: Pedro Alexandre Henriques Pedretti
Universidade Federal de Viçosa,
Viçosa, Minas Gerais, Brasil

Autora: Fabíola Alves Alcântara
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Edição: RUS Vol. 12. Nº 20

Publicação: Dezembro de 2021

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2021.190694>



Dostoiévski e a compaixão: leituras éticas dos *Escritos da casa morta*

Rodrigo Siqueira Batista*

Pedro Alexandre Henriques Pedretti**

Fabíola Alves Alcântara***

Resumo: Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski é reconhecido como um dos autores mais originais da história da literatura. Detentor de criatividade invulgar, o artista russo foi capaz de construir uma análise aguda da sociedade do seu tempo e, paralelamente, perscrutar diferentes domínios do psiquismo humano. A articulação dessas dimensões adquire contornos particularmente autênticos no livro *Escritos da casa morta* – inspirado nos anos de cárcere do autor –, o qual permite a formulação de uma série de reflexões de natureza moral. A abordagem de tal questão é o escopo do presente ensaio, que se organiza a partir do seguinte percurso: (1) introdução à temática, (2) breve nota acerca da biografia intelectual do escritor, (3) apresentação dos *Escritos*, (4) mapeamento das *referências compassivas* presentes na obra e (5) delimitação preliminar dos elementos para proposição de uma “ética dostoiévskiana da compaixão”.

Abstract: Fyodor Mikhailovitch Dostoevsky is recognized as one of the most original authors in the history of literature. Detainer of an unusual creativity, the Russian artist was able to build an acute analysis of the society of his time and, in parallel, to scrutinize different domains of human psyche. The articulation of these dimensions acquires particularly authentic contours in the book *Dead House Writings* – inspired by the author’s years of imprisonment – which allows the formulation of a series of reflections of a moral nature. The approach to this question is the scope of this essay, which is organized in the following path: (1) introduction to the theme, (2) brief note on the writer’s intellectual biography, (3) presentation of the Writings, (4) mapping of the compassionate references which are present in the work and (5) preliminary delimitation of the elements to propose a “Dostoevskian ethics of compassion”.

Palavras-chave: Compaixão; Dostoiévski; *Escritos da casa morta*; Ética

Keywords: Compassion; Dostoevsky; *Dead House Writings*; Ethics

1. Introdução

A potência criativa da literatura de Fiódor Dostoiévski permanece extremamente vívida, em pleno século 21, passados 200 anos do seu nascimento. O autor russo foi capaz de captar, como poucos artistas, de forma clara e distinta, as nuances próprias do seu espaço-tempo – a Rússia oitocentista. Nesta perspectiva, sua obra pode ser vista como “uma tentativa de lidar com o caos”¹ e, simultaneamente, de colocar sobre a “mesa de jogo” uma série de questões centrais à experiência humana de existir, as quais, ainda hoje, mantêm sua atualidade intocada. Pode-se dizer que parte da força imortal de seus escritos diz respeito à grande influência do gênero dramático na vida de Dostoiévski, o que serviu de inspiração para a criação de personagens em uma prosa que incorpora alguns elementos da dramaturgia e do gênero épico (VÁSSINA, 2008).

O universo literário de Dostoiévski foi forjado, passo a passo, nos labirintos de uma existência profundamente marcada por diferentes *atravessamentos*. De fato, os primeiros anos da vida simples em Moscou, os estudos na Academia Militar de Engenharia de São Petesburgo, o cárcere em decorrência da sua vinculação com o Círculo de Petrachévski, o engajamento na literatura e na crítica, os múltiplos relacionamentos amorosos, a perda de um filho e o alcance de destacada reputação na corte do tsar Alexandre II são alguns dos eventos que, entre risos e lágrimas, feridas e cicatrizes, contribuíram para a genialidade do romancista. Esta miríade de idas e vindas permitiu que o escritor articulasse, de forma muito salutar, a compreensão dos “subsolos” da consciência humana – algo particularmente presente na caracterização de Raskólnikov, em *Crime e Castigo* (DOSTOIÉVSKI, 2016) – e a denúncia das condições de vida do povo russo, com destaque especial para

* Médico, filósofo e matemático. Professor Associado do Departamento de Medicina e Enfermagem, Universidade Federal de Viçosa; Professor Titular da Escola de Medicina, Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga; Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal de São João del Rei; <http://lattes.cnpq.br/7992589011048146>; <https://orcid.org/0000-0002-3661-1570?lang=en>; rsbatista@ufv.br

** Diplomando em Medicina, Departamento de Medicina e Enfermagem, Universidade Federal de Viçosa; <http://lattes.cnpq.br/3404984502044270>; <https://orcid.org/0000-0002-8326-3812>; pedroalexandre07@gmail.com

*** Fisioterapeuta. Mestre e Doutoranda em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro; <http://lattes.cnpq.br/9767626868077919>; <https://orcid.org/0000-0001-7523-0458>; alcantara.fabiola@outlook.com

1 FRANK, Joseph. *Dostoiévski: um escritor de seu tempo*. Tradução: Pedro Maria Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 32.

obras como *Gente pobre* (DOSTOIÉVSKI, 2009) e *Humilhados e ofendidos* (DOSTOIÉVSKI, 2018). Pode-se estabelecer, pois, que a beleza de Dostoiévski está, precisamente, na capacidade do autor de “integrar o pessoal com as grandes questões sociais, políticas e culturais de sua época”.²

A referida integração permitiu que Dostoiévski alcançasse um papel primordial na reflexão acerca das mudanças que ocorriam na sociedade russa do século 19, marcadas pela incorporação de valores europeus modernos em ascensão – como o racionalismo, o romantismo e o cientificismo – os quais entraram em rota de colisão com as tradições do povo russo (FERNANDES, 2021). O artista eslavo soube tecer uma crítica aprofundada a essas questões, incorporando tais elementos em seus personagens, de modo a defender “uma retomada dos valores do povo russo”³ (FERNANDES, 2021), mas de uma forma nada ingênua (afinal, era igualmente crítico a determinados aspectos da cultura de seu país, acento que foi lapidado nos anos da *Casa morta*).⁴

As reverberações desta composição emergem com intensidade nos heróis dostoiévskianos, titulares de numerosos pontos de vista – daí a constatação de Bakhtin sobre a “autêntica polifonia de vozes plenivalentes”⁵ considerada, de fato, a “peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski”⁶ – e capazes de tantas interações possíveis, abre singulares frentes para a reflexão acerca das diferentes relações éticas que podem ser perscrutadas em seus escritos, conforme destacado por diferentes autores (NOGUCHI, 2013; SILVA; BRITO,

2 FRANK, Joseph. *Dostoiévski: um escritor de seu tempo*, p. 14.

3 FERNANDES, Arlene. “Racionalismo e romantismo em “Memórias do subsolo”, de Dostoiévski”. *RUS*, v.12, n. 18, p. 139, 2021.

4 Mesmo antes, Dostoiévski já havia percebido as mazelas do povo russo, como no famoso episódio da chegada em São Petesburgo, por ocasião do ingresso na Escola de Engenharia, quando presenciou o espancamento de um jovem camponês: “*Jamais consegui esquecer o mensageiro, e durante muito tempo estive inclinado a explicar, como se fosse involuntariamente, o que era vergonhoso e cruel no povo russo*”. FRANK, Joseph. *Dostoiévski: um escritor de seu tempo*, p. 70

5 BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018, p. 4.

6 BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*, p. 4.

2017). Além dessas questões externas, o universo psíquico, a consciência e os conflitos internos foram importantes agentes motivadores na conduta de cada personagem, sendo intensamente explorados em toda a obra, abrindo espaço para discussões sobre a ética (FOGEL, 2021).

A presença de questões éticas na obra dostoiévskiana pode ser investigada a partir de díspares perspectivas, dada a riqueza criativa do autor. Com efeito, em *Crime e Castigo* e em *Os irmãos Karamázov* a crítica à ética racionalista se faz presente, tendo em vista que “(...) o objetivo original do racionalismo de libertar o homem falhou, transformando o homem em meio, fazendo dele um objeto utilizável para outros homens alcançarem seus fins egoístas” (BURGOS HERRERA, 2015).⁷ De outro modo, em *Os demônios*, Dostoiévski elucida os pontos destrutivos morais russos através da sua análise sobre o “socialismo utópico e a estética marxista”⁸ (CORREIA, 2018). Em um certo sentido, os personagens do autor adquirem uma postura investigativa diante da existência, quiçá socrática,⁹ como destacado por Albert Camus:

Todos os heróis de Dostoiévski se interrogam sobre o sentido da vida. É nisso que eles são modernos: não temem o ridículo. O que distingue a sensibilidade moderna da sensibilidade clássica é que esta se nutre de problemas morais e aquela de problemas metafísicos. Nos romances de Dostoiévski a questão é apresentada com uma tal intensidade que só pode levar a soluções extremas. A existência é mentirosa ou ela é eterna. Se Dostoiévski se satisfizesse com esse exame, seria filósofo. Mas ele ilustra as consequências que esses jogos do espírito podem ter numa vida humana e é nisso que ele é artista.¹⁰

7 BURGOS HERRERA, Omar Eden. “La ética en Dostoiévski, uma crítica al racionalismo ilustrado en crime y castigo y los *Hermanos Karmazov*”. *Revista Mexicana de Ciências Agrícolas*, v. 2, oct, 2015, p. 317.

8 CORREIA, João Gabriel Antonio. “A Singularidade do romance *O adolescente* no conjunto literário de Fiodor Dostoiévski de 1861 a 1881”. *Revista Trilhas da História*, v. 8, n.15, jul-dez, 2018. p.175-176.

9 A referência é a famosa frase de Sócrates “uma vida não examinada não é para ser vivida pelo homem” (em grego: ἡ δὲ ἀνεξέταστος βίος οὐ βιωτὴς ἀνθρώπου). PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Tradução: André Malta. Porto Alegre: L&PM, 2014, passo 38a.

10 CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Trad. Ri Roitman, Paulina Watch. 1ª ed. – Rio de Janeiro:

Um dos aspectos de relevo em uma eventual “ética dostoiévskiana” é o valor da *compaixão*, o qual pode ser recuperado – de um ponto de vista biográfico – a partir da infância do autor, particularmente da influência materna, pois indubitavelmente foi “com Maria Fiódorovna que Dostoiévski aprendeu a sentir a *compaixão* pelos desafortunados e pobres que se tornou tão importante em sua obra”.¹¹ Tal é o caso de *Crime e castigo*, no qual é possível perceber – claramente – o processo de aprendizagem da *compaixão* vivenciado por Raskólnikov, pelas mãos de Sônia (MARQUES, 2015). O acento compassivo do escritor – presente em diferentes momentos de sua vida – alcança, provavelmente, notável profundidade nos *Escritos da casa morta* (DOSTOIÉVSKI, 2020), obra síntese dos anos em que permaneceu preso na Sibéria, durante os quais esteve muito próximo dos mais distintos matizes da miséria do povo russo.

Com base nestas preliminares ponderações, o objetivo do presente ensaio é a apresentação dos sentidos da *compaixão* nos *Escritos da casa morta*, com atenção à seguinte trajetória: exposição sintética da biografia intelectual de Dostoiévski, comentário sobre seu tempo de cárcere na Sibéria e a concepção do livro, exposição acerca do lugar da *compaixão* na obra e, a partir deste encadeamento, discussão sobre as possibilidades de uma *ética dostoiévskiana da compaixão*.

Biografia intelectual de Dostoiévski

Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski – filho de Mikhail Andréievitch Dostoiévski e Maria Fiódorovna Dostoiévskaja – nasceu em Moscou, na Rússia, no dia 30 de outubro de 1821, como o segundo mais velho dos sete filhos do casal (TANASE, 2017). Sua mãe morreu em 1837, enquanto seu pai foi assassinado em 1839, supostamente por servos de sua propriedade rural (DOSTOIÉVSKI, 2020). As relações domiciliares eram profun-

ro: Record, 2019, p. 75.

11 FRANK, Joseph. *Dostoiévski: um escritor de seu tempo*, p. 37-38.

damente inscritas na esfera religiosa, contexto que produziu permanente reverberação no pensamento do autor, o qual afirmou, nos seus últimos anos, que “o problema da existência de Deus o atormentara durante toda a vida”.¹²

Apesar das dificuldades da infância, relacionadas às condições econômicas da família e às instabilidades do humor paterno, o artista considerava seus pais “pessoas extraordinárias”.¹³ A permanência no lar perdurou até 1838, ano em que Dostoiévski ingressou na Academia de Engenharia Militar de São Petersburgo. As normas da instituição eram afins às de um quartel, dada a obrigatoriedade de exercícios exaustivos e de exigentes classes de exatas e humanidades. Em 1840, tornou-se suboficial e, no ano seguinte, foi aceito na Escola de Oficiais; obteve sua promoção a subtenente três anos depois.

Dostoiévski tornou-se um dos principais protagonistas na criação de romances e de contos, textos nos quais, com frequência, pautava questões relacionadas à psicologia. Em seu primeiro livro, *Gente pobre* (1846), “criou uma narrativa epistolar que subverteu o gênero por completo e foi imediatamente aclamada pelo público, fazendo de seu autor, praticamente da noite para o dia, um escritor consagrado”¹⁴ (DOSTOIÉVSKI, 2009). No mesmo ano, escreveu *O duplo* – romance que trata dos percalços do senhor Golyádkin – o qual combina crítica social e certa análise psicológica, acrescidas de “pitadas” de bom humor (DOSTOIÉVSKI, 2013). Em *Noites Brancas* (1848) retratou o contexto de uma paixão que deságua em intensa frustração amorosa (DOSTOIÉVSKI, 2003).

No ano de 1847, o autor, então com 26 anos, começa a participar do Círculo de Petrachévski, atraído principalmente pelas discussões literárias – e libertárias – do grupo. Seu organizador, Mikhail Butachévitch-Petrachévski, cultivava especial apreço pelas ideias do socialista utópico Charles Fourier (HOGEMANN, 2017). Dois anos após, em 1849, o Círculo é denunciado por realizar “supostas” atividades contra o governo e seus

12 FRANK, Joseph. *Dostoiévski: um escritor de seu tempo*, p. 53.

13 FRANK, Joseph. *Dostoiévski: um escritor de seu tempo*, p. 40.

14 Escrito no posfácio por Fatima Bianchi, editora 34, 2009, p. 180.

membros acabam presos pelas forças de Nicolau I e condenados à execução. Cerca de oito meses após a prisão, o escritor viu-se face a face com a morte – esteve prestes a posicionar-se frente ao pelotão de fuzilamento –, quando o tsar concebe uma “nova chance”: permuta a pena capital por trabalhos forçados na Sibéria. A vivência é descrita pelo próprio autor, na carta ao irmão Mikhail:

Hoje, 22 de dezembro [de 1849], fomos levados à praça Semiónovski. Lá foi lida a sentença de morte de todos nós, deram-nos a cruz para beijar, quebraram a adaga sobre as nossas cabeças e prepararam a nossa veste derradeira. Então levaram três homens à coluna para dar início à execução. Eu era o sexto da fila e eles nos chamavam de três em três, logo, eu tinha menos de um minuto de vida. Lembrei-me de ti, irmão, sempre de ti; naquele último minuto eras apenas tu que estavas em minha mente! Por fim, suspenderam a execução, os soldados recuaram, e nos foi lido que Sua Majestade Imperial nos daria a vida.¹⁵

A libertação de Dostoiévski ocorreu em 1854, após quatro anos de cárcere, período cuja influência perene e profunda se nota em suas obras posteriores.¹⁶ Neste mesmo ano, retomando a carreira literária, publica as novelas siberianas – *O sonho do titio* e *A aldeia de Stepántchikovo e seus habitantes* – e, em 1861, *Humilhados e ofendidos*. Nesses primórdios dos 1860, o artista dedicou parte considerável de sua energia criativa às atividades de jornalista e crítico literário (MEDEIROS, 2005): com Mikhail, editou as revistas *O Tempo* (1861-1863) e a *Época* (1864-1865) (PLIASSOV, c2021). O livro *Escritos da casa morta* (1862), texto central da presente análise, será detalhado adiante. Dois anos após, lança *Memórias do Subsolo* (1864), obra na qual desenvolve significativa “experimentação” acerca de uma das suas marcas registradas: a exploração do psiquismo das

15 DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Escritos da casa morta*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2020, texto da orelha.

16 Neste período de cumprimento de pena, Dostoiévski apresentou o primeiro episódio de convulsão; o diagnóstico de epilepsia foi estabelecido, contudo, apenas anos depois. Vale comentar que a experiência da enfermidade aparecerá *autobiograficamente* no príncipe Míchkin, protagonista de *O Idiota*, obra que provavelmente contém a melhor descrição já elaborada sobre uma crise convulsiva, “uma verdadeira lição de neurologia” (SIQUEIRA-BATISTA, 2005, p. xii).

personagens. Em última análise, este pode ser considerado um “ensaio” para *Crime e Castigo* (1866), um dos seus romances mais celebrados (DOSTOIÉVSKI, 2016). Publicou, posteriormente, *O jogador* (1867), *O idiota* (1869), *O eterno marido* (1870), *Os demônios* (1872), *Diário de um escritor* (1873), *O adolescente* (1875), *Uma criatura dócil* (1876) e aquela que é considerada sua obra prima, *Os irmãos Karamázov* (1881) (DOSTOIÉVSKI, 2012).

O grande autor russo morreu na cidade de São Petersburgo, em 1881, deixando um vasto legado literário, cuja influência se estendeu para o século 20, em pensadores como Nietzsche e Freud (DOSTOIÉVSKI, 2020). Suas obras permitem a formulação de questões religiosas, políticas, psicológicas e existenciais, dada a profunda reflexão, muitas vezes de caráter autobiográfico, cujo principal exemplo – muito provavelmente – será comentado a seguir.

A Sibéria e os *Escritos da casa morta*

A compreensão do significado dos *Escritos da casa morta* na obra de Dostoiévski, livro que representa um genuíno registro de uma das passagens mais emblemáticas de sua vida, alcança maior êxito ao se considerar o acento trágico de tal experiência – o antes, o durante e o depois da contemplação, *olhos nos olhos*, da morte – sumarizada de forma notável por Joseph Frank em sua monumental biografia do autor:

Esse novo mundo [inaugurado com a prisão de Dostoiévski, em abril de 1849] iria pôr a prova ao máximo sua capacidade emocional e espiritual e ampliaria infinitamente o horizonte de sua experiência moral e psicológica [...] Conheceria o desespero aterrador da solidão na prisão; sentiria a angústia insuportável do perseguido; passaria pela agonia terrível do condenado que se agarra desesperado aos últimos momentos preciosos da vida; desceria às últimas profundezas da sociedade, viveria com marginais e criminosos e ouviria a conversa de sádicos e assassinos para os quais a própria noção de moral era uma farsa; e teria instantes de

sublime harmonia interior, momentos de fusão com o princípio divino que rege o universo, na “aura” extática que precede o ataque epilético.¹⁷

Os anos de cárcere de Dostoiévski transcorreram no Presídio de Omsk, parte oriental da Sibéria, região estratégica para a Rússia, tanto por se constituir em um espaço de colonização das frias estepes quanto pela manutenção dos presídios destinados aos mais distintos “desajustados” ao sistema tsarista (BEER, 2018). Neste interregno, foi submetido ao sistema denominado *katorga*, cujo foco eram penosos trabalhos forçados (SILVA, 2015). O autor, a despeito de sua compleição física pouco avantajada, assumiu a responsabilidade de laborar cooperativamente com os demais presos, em um contexto bastante insalubre (em algumas oportunidades, por exemplo, a temperatura local alcançava 40 graus abaixo de zero). É nesse ambiente de sofrimento físico e psicológico que Dostoiévski tem contato com prisioneiros vindos de toda a Rússia e responsáveis por diversos crimes:

E que tipo de gente não havia ali! Acho que cada província, cada zona da Rússia tinha ali os seus representantes. [...] Todo esse contingente era dividido pela categoria de crimes e, conseqüentemente, pela duração da pena aplicada aos crimes. É de se supor que não havia crime que ali não tivesse o seu representante. A base principal de toda população presidiária era composta por degredados da categoria dos civis (os “desregrados”, como pronunciavam ingenuamente os próprios presidiários). Eram criminosos totalmente privados de quaisquer direitos, os extirpados da sociedade, com os rostos ferretados como prova eterna de sua condição de réprobo.¹⁸

A partir destas vivências, o autor começa a esboçar, durante o cárcere, alguns escritos então denominados “Cadernos Siberianos”, cujo conteúdo era composto por suas experiências pessoais, registradas com o aval do médico da prisão, Ivan Ivánovitch Troitski. Após a soltura, o escritor opta por misturar esses elementos reais com ficcionais, compondo os *Escritos da casa morta*. Argumenta-se que o artifício usado por Dos-

17 FRANK, Joseph. *Dostoiévski: um escritor de seu tempo*, p. 207-208.

18 DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Escritos da casa morta*, p. 40.

toiévski, ao mesclar suas próprias experiências na prisão com aquelas do personagem principal, Alekandr Pietróvitch Goriántchikov, concedendo-lhes a caracterização de semificção, tinha por objetivo escapar da censura então vigente (SILVA, 2015).

O enredo dos *Escritos* versa sobre as experiências do protagonista, o qual assume o papel de narrador em alguns trechos, visto que um relator em terceira pessoa também se faz presente. Após sua prisão e condenação pelo assassinato da esposa, e Goriántchikov passa dez anos em um regime de trabalhos forçados, em um campo na Sibéria, e relata a sua experiência, as relações sociais entre os condenados, os acontecimentos cotidianos e o convívio com os guardas e médicos, em impressões vívidas sobre cada um desses aspectos.

Além das relações interpessoais na prisão terem influenciado não somente a obra, mas a personalidade do escritor, pode-se dizer que sua relação com a privação de liberdade também foi um ponto importante para o seu amadurecimento existencial e artístico, resultando na reflexão sobre temáticas que serão recorrentes em toda a sua obra, tais como: a solidão, o sofrimento, o perdão e o cuidado (FRANK, 2018). Nestes termos, pode-se dizer, com Konstantin Motchulski (DOSTOIÉVSKI, 2020), que a experiência de Dostoiévski “na prisão foi sua riqueza espiritual”,¹⁹ o que representou um genuíno encontro do autor – marcado, ambigualmente, por certo desencanto e por genuína *compaixão* – com o até então idealizado povo russo.

A compaixão em uma *Casa morta*

A *compaixão* é uma temática recorrente na vida e na obra de Dostoiévski. De fato, um de seus companheiros da Academia de Engenharia Militar de São Petesburgo reconhecia que Dostoiévski e seu amigo Berejétski eram dotados de profunda “compaixão pelos pobres, fracos e desprotegidos”.²⁰ Importan-

19 MOTCHULSKI, Konstantin. “Sobre os escritos da casa morta”. Tradução de Danilo Hora. In: DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Escritos da casa morta*, p. 400.

20 FRANK, Joseph. *Dostoiévski: um escritor de seu tempo*, p. 74.

te destacar, neste contexto, a influência Católica Ortodoxa Russa para a formação da consciência do autor, a qual permitiu a criação de personagens inspirados em Cristo e, igualmente, a incorporação de valores cristãos – perdão, abnegação, caridade e *compaixão* – em seus livros (GLEHN, 2014).

Com efeito, em *Crime e castigo* (DOSTOIÉVSKI, 2016), a figura de Cristo pode ser enxergada na personagem Sônia Marmeládova, a qual precisou “vender o corpo” com a *única* finalidade de sustentar seus irmãos, algo que “representa o sacrifício total e incondicional do ‘Eu’ em prol do ‘Outro’, ou seja, um sacrifício voluntário e desprezioso”²¹ (GLEHN, 2014). A importância de Sônia na construção da narrativa religiosa é ainda maior, pois é ela a figura que acolhe Raskólnikov sem nenhum tipo de julgamento moral, exercendo um papel ímpar em seu processo de arrependimento e redenção.

O príncipe Míchkin, personagem principal de *O Idiota* (DOSTOIÉVSKI, 2020), é outro personagem *dostoiévskiano* que representa um arquétipo de Cristo. O protagonista possui uma personalidade bondosa, agradável e acolhedora, sendo dotado de uma ingenuidade que não se observa na maioria dos mortais. Pode-se afirmar que o príncipe “é a personificação das virtudes evangélicas da mansidão, do perdão e principalmente da *compaixão*”. [...] e que “é a *compaixão* a característica mais importante que se manifesta no príncipe Míchkin”.²²

Notam-se, igualmente, substantivos elementos do Cristianismo em *Os irmãos Karamázov* (DOSTOIÉVSKI, 2012). Neste romance, o autor atinge a maturidade dos temas religiosos trabalhados em toda a sua obra (GLEHN, 2014), com destaque para a figura de Alieksêi Fiódorovitch Karamázov, o Aliócha, monge que exerce o perdão – de forma incondicional –, o que representa, em última análise, um ato de acolhida afim à *compaixão*.²³

21 GLEHN, Priscila Rodrigues von. “A figura de Cristo em personagens de Dostoiévski.” *Dissertação* (Mestrado em Literatura), p. 66-67, 2014.

22 GLEHN, Priscila Rodrigues von. “A figura de Cristo em personagens de Dostoiévski, p. 77.

23 As relações entre perdão e compaixão podem ser abordadas a partir de diferentes autores. Para uma eventual interseção destes conceitos em Jacques Derrida, ver: GUADAGNIN, Renata. “A escrita do poema como gesto de perdão: incursão entre Derrida e Celan”. *Cadernos Literários*, v. 25, p. 105-116, 2019.

Porém, a principal semelhança e, talvez a mais importante associação entre ele e a figura de Cristo, esteja relacionada com sua imensa capacidade de tudo perdoar, pois possui uma total ausência de ressentimento para com o outro, mesmo que este venha a ser o seu ofensor.²⁴

A despeito da presença nos romances citados, a *compaixão* adquire um lugar de destaque nos *Escritos da casa morta*. Especialmente nesta obra, a palavra aparece quatro vezes em diferentes contextos. Analisando o texto em Russo, percebe-se que o autor utiliza vocábulos traduzíveis como *compaixão*, mormente ao se considerar a passagem para o Português.²⁵ Os termos usados originalmente por Dostoiévski são: *Сострадание/Сострадания* (Sostradaniye/*Sostradaniya*), cujo significado é bem próximo à *compaixão*; *Сочувствие* (Sochuvstviye), com sentido afim à concepção de “simpatia” ou “empatia”; e *Жалости* (Zhalosti), cuja ideia se avizinha àquela de “dó”, “piedade” ou “pena”. Excertos importantes dos *Escritos* contêm referências à *compaixão*, como no encontro dos presidiários Pietróvitch e Orlov:

Tentei falar com ele [Orlov] sobre suas aventuras. Ele franziu um pouco o cenho com essas inquirições, mas sempre respondia com franqueza. Quando compreendeu que eu tentava atingir-lhe a consciência e extrair dele ao menos algum arrependimento, olhou-me com tamanho desdém e altivez como se de repente me visse como algum garotinho bobo [...]. Seu rosto chegou até a exprimir um quê de *compaixão* (*жалости*) por mim. Um minuto depois, despejava sobre mim a mais cândida das risadas, sem nenhuma ironia, e estou certo de que, quando ficou sozinho e lembrou-se de minhas palavras, deve ter rido várias vezes com seus botões.²⁶

24 GLEHN, Priscila Rodrigues von. “A figura de Cristo em personagens de Dostoiévski”, p. 86.

25 Vale, aqui, a lúcida advertência de Paulo Bezerra sobre a tradução: “o ato de traduzir é uma compenetração na cultura do outro, mas uma compenetração dialógica na qual a ‘interpretação criadora não renuncia a si mesma’, mas mantém suas peculiaridades, sua individualidade como marca de sua própria cultura, que usa de seus infinitos modos de dizer para recriar o espírito do original, trazer, do modo mais próximo possível do original, as formas de ser do outro, dando-lhe o colorido específico de sua cultural nacional”. BEZERRA, Paulo. “A tradução como criação”. *Estudos avançados*, v. 26, n. 76, p. 47-56, 2012, p. 48.

26 DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Escritos da casa morta*, p. 92.

Orlov é descrito, pelo narrador (Pietróvitch), como um homem cruel, responsável por diversos assassinatos, os quais são admitidos sem pestanejar e com um certo ar de orgulho. Relata-se, também, que este personagem recebia as punições de forma corajosa, sem fugir ou demonstrar covardia (na verdade, no momento explicitado na citação acima, ambos estão na enfermaria, onde Orlov está recebendo cuidados após as chibatadas e aguardando a próxima metade da pena no dia seguinte). É precisamente este interlocutor, de algum modo frio e calculista, que acaba sentindo *compaixão* em atenção à frustrada tentativa de análise da personalidade perpetrada por Pietróvitch. A experiência, aqui, se assemelha mais à “pena” – do mais forte em relação ao mais frágil – o que também pode ser observado em outro momento do manuscrito, no qual o narrador descreve suas relações com o presidiário Petrov, um ex-soldado temido e considerado o mais difícil recluso a ser “domado” em todo o presídio. Este frequentemente roubava aquele, sem demonstrar nenhum tipo de arrependimento, mas, sim, certa condescendência pelo narrador:

Na mesma noite confessou-me pessoalmente o roubo, mas sem nenhum embaraço ou arrependimento, com absoluta indiferença, como se se tratasse do incidente mais trivial. Tentei passar-lhe uma boa reprimenda; em verdade, eu lamentava por minha Bíblia. Ouviu-me sem irritação, até com muita tranquilidade; concordou que a Bíblia é um livro muito útil, lamentou sinceramente que ela não estivesse mais comigo, no entrando não externou nenhum arrependimento por havê-la roubado; tinha um ar tão autoconfiante que logo parei de recriminá-lo. [...] Estou certo de que ele até gostava de mim, e isso me fazia pasmar. Tomava-me por um rapazote, por um homem incompleto; se sentia por mim aquela espécie de *compaixão* (сострадание) que todo ser forte sente instintivamente pelo mais fraco...não sei.²⁷

A visão “piedosa” da *compaixão* nos *Escritos* é, todavia, re-dimensionada no excerto seguinte – ato contínuo à chegada do narrador ao presídio –, no qual o uso do termo parece fazer referência à noção de *cuidado*:

27 DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Escritos da casa morta*, p. 147.

Existem na Sibéria alguns tipos de pessoas – que quase nunca mudam – que parecem propor-se como missão de vida um cuidado fraternal pelos “infelizes”, a *compaixão* (сострадание) e a condolência por eles, como se se tratassem dos seus próprios filhos, e o fazem sem nenhum interesse, como algo sagrado. [...] Na cidade onde ficava o nosso presídio residia uma senhora – a viúva Nastácia Ivánovna. É claro que nenhum de nós, estando no presídio, poderia ter algum contato pessoal com ela. Parecia que ela tomara como missão de vida ajudar os degradados, porém se preocupava mais conosco, os galés.²⁸

A maior amplitude da *experiência compassiva* pode ser percebida, sem embargo, na descrição dos sentimentos dos médicos em relação aos prisioneiros e à sua condição, quiçá na perspectiva de acolhida, de *aceitação* do outro, sem o vislumbre de qualquer contrapartida, mas, tão somente pelo reconhecimento da humanidade e da dignidade, colocadas em xeque pelas duras condições à quais os condenados estavam submetidos:

Até onde pude notar, os que estavam de fato doentes sorriam em sua maioria de escorbuto e sobretudo de enfermidades próprias daquela região. [...] Dentre os outros que estavam efetivamente enfermos havia os doentes de febres, de vários tipos de úlcera, do peito. [...] havia alguns que ali estavam *sem quê nem mais*, sem nenhuma enfermidade, para “descansar”. Os médicos aceitavam esses tipos de bom grado, por *compaixão* (сострадания), sobretudo quando havia muitos leitos vazios.²⁹

A partir dos trechos selecionados, é possível a caracterização de certa variação do tema da *compaixão* nos *Escritos da casa morta*. Tal percepção torna-se ainda mais evidente ao se considerar as diferentes nuances conceituais deste termo – como se comentará brevemente a seguir – as quais foram sublimemente captadas por Dostoiévski no processo de composição da obra.

28 DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Escritos da casa morta*, p. 119.

29 DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Escritos da casa morta*, p. 217-218.

Os Escritos: por uma ética dostoienskiana da compaixão

A *compaixão* pode ser compreendida de muitos modos. De fato, (i) a *piedade* (dó ou comiseração), (ii) o *sofrer com* e (iii) a *acolhida incondicional* podem ser reconhecidos como fios que compõe a polissemia do termo. Tal contexto é explicável pelas origens da palavra, que podem ser recuperadas, contemporaneamente, a partir de duas principais tradições: o Cristianismo e o Budismo.³⁰

A *compaixão* no bojo do Cristianismo – a *Compati* (latim) = sofrer com – traz a dimensão de *tomar para si o sofrimento alheio*, ou seja, *com-partilhar o páthos* do outro, cuja máxima amplitude está proposta no Mandamento “ama ao próximo como a si mesmo”, externada na Parábola do Bom Samaritano (Lucas 10, 30-37):

Um homem ia descendo de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos de assaltantes, que lhe arrancaram tudo e o espancaram. Depois foram embora e o deixaram quase morto. [...] um samaritano, que estava viajando, chegou perto dele, viu e teve compaixão. Aproximou-se e fez curativos, derramando óleo e vinho nas feridas. Depois colocou o homem em seu próprio animal, e o levou a uma pensão, onde cuidou dele.³¹

O Bom Samaritano, modelo da moral cristã, moveu-se pela *Compati* – um *sofrer com* entre iguais (criaturas) ante o Deus (Criador) –, dado o reconhecimento do *outro* como *si mesmo*, em uma profunda *identidade*. Ambos, aquele que sofre e aquele que ampara, são concebidos à imagem e à semelhança de Deus, o que representa o fulcro da ação de cuidado,³² expressa na postura da senhora Nastácia Ivánovna (anteriormente mencionada), uma *boa samaritana*, em relação aos condenados de

30 SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo; SCHRAMM, Fermin R. “A bioética da proteção e a compaixão laica: o debate moral sobre a eutanásia”. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14, p. 1241-1250, 2009, p. 1243.

31 BÍBLIA, N.T. Lucas. Português. In: *Bíblia Sagrada*. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2009, Edição Pastoral, Cap. 12, vers 30-37.

32 BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*, Petrópolis: Vozes, 2014.

Omsk. A *Compati* é habitualmente considerada entre humanos, mas não se deve olvidar o ensinamento de São Francisco de Assis: o exercício de compaixão e cuidado a todas as formas de vida, incluindo aquelas que *supostamente* são motivo de malefício às pessoas (como as feras, por exemplo o lendário lobo de Gubbio, e as ervas daninhas).³³

O Budismo – “*modo de vida* instaurado a partir do *Satori* (Iluminação) de Sidharta Gautama, o Buda Shakyamuni, sob a copa da árvore Bodi, no século VI a.C.”³⁴ – ressalta, igualmente, o valor da compaixão, *Karuna* (sânscrito), a qual se traduz sob a forma de *acolhida incondicional*,³⁵ plena recepção, sem julgamento, de todos os seres (lançados no *vir-a-ser* e no *deixar-de ser*):

Compaixão significa oferecer morada às pessoas, abrir as portas até então fechadas para elas, perguntar mais que responder. Significa tornar-se altamente sensível à situação e aos sentimentos da outra pessoa. Significa ouvir com todo o seu ser e dar, se for possível, o que seja relevante e apropriado para o relacionamento, não o avaliando com julgamentos próprios.³⁶

A anteriormente mencionada aceitação dos médicos de Omsk, “*sem quê nem mais*”, acena para a ação de “abrir as portas até então fechadas” (literalmente, no caso do hospital do presídio), acolhendo aqueles homens de todos os tipos – “de vagabundos, de bandidos, de toda plebe em geral, de toda vida

33 Sobre esta questão, vale o comentário de COELHO (2020): “Francisco de Assis era aquele que pregava aos passarinhos, que acalmava as feras, como o lobo de Gubbio, que solicitava aos confrades responsáveis pela manutenção das hortas conventuais a manutenção de um espaço reservado ao livre crescimento das ervas daninhas – nelas reconhecendo o direito sagrado à existência, a despeito de sua aparente inutilidade direta ao uso humano –, por outro lado, era também, fundamentalmente, aquele que beijava o leproso e que buscava avidamente a proximidade e a assistência aos homens e mulheres em situação de pobreza e desalento. Cf. COELHO, Breno Herrera da Silva. “Laudato Si’: uma breve proposta de sistematização”. *Grande Sinal: Revista de Espiritualidade e Pastoral*, p. 45 - 57, 2020.

34 SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo; SCHRAMM, Fermin R. *A bioética da proteção e a compaixão laica: o debate moral sobre a eutanásia*, p. 1243.

35 SUZUKI, Daisetz T. *Introdução ao Zen-budismo*. Tradução: Eloise de Vylder. São Paulo: Mantra, 2019.

36 BRANDON, David. *Ajuda pelo Zen-Budismo*. Tradução: Júlio César Assis Küll e José Sidnei Pereira. São Paulo: Pensamento; 1976, p. 51.

dos desgraçados³⁷ –, os quais “desejam a felicidade e querem evitar o sofrimento”.³⁸ A *Karuna* budista é, assim, a *recepção incondicional* do outro.

As tradições espirituais mencionadas – Cristianismo e Budismo – situam a compaixão em um distinto lugar de relevância moral. Deve ser destacado, entretanto, que díspares perspectivas filosóficas consideram a compaixão como o *fundamento ético* por excelência. Citam-se, pois, (1) a proposta schopenhaueriana – para a qual a compaixão é a “verdadeira motivação que está no fundamento de todas as ações dotadas de valor moral genuíno”³⁹ – e (2) a proposta da (bio)ética para todos os seres, embasada no conceito de *compaixão laica*, “acolhida/proteção do outro (...) que só pode ser obtida sem julgamento, ou seja, a partir da recepção incontestada de sua situação-no-mundo”.⁴⁰

A *compaixão* apreendida por Dostoiévski ao longo da vida e manifesta nos *Escritos* deve ser reportada, de uma perspectiva biográfica, à *Compati* de origem cristã. Mas, o alcance da *Karuna*, de matriz budista, não pode ser desconsiderado. De fato, em ambos os casos pressupõe-se que a *compaixão* se constitua como um *estofa* para o cuidado e a acolhida, sem julgamento, quando se está defronte de um outro que padece. É possível, ademais, que se possa caracterizar a *compaixão* de uma perspectiva polissêmica, conforme assinalado nos diferentes “sentidos” expressos nos usos do termo, nas citações selecionadas. Estes elementos podem ser recuperados no cerne dos *Escritos*, como se procurou externar nesta preliminar análise, o que permite a conjectura acerca da existência, na obra, dos primeiros matizes de uma ética *dostoiévskiana da compaixão*.w

37 DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Escritos da casa morta*, p. 17 (Apresentação, Paulo Bezerra).

38 DALAI LAMA. *Os estágios da meditação*. Rio de Janeiro: Rocco; 2001, p. 127.

39 SCHOPENHAUER, A. *Sobre o fundamento da moral*. Tradução: Maria Lúcia Oliveira Caciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 132.

40 SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo. “(Bio)ética para todos os seres: proêmio”. In: CASTRO, J. C.; NIEMEYER-GUIMARÃES, M.; SIQUEIRA-BATISTA, R. *Caminhos da Bioética* III. Teresópolis: Editora Unifeso, 2020, p. 269.

Considerações finais

A literatura de Dostoiévski, como genuína obra de arte – dotada de uma potência criativa única –, contém a possibilidade de produzir reflexões dirigidas a distintas esferas da experiência humana. Neste particular, o caminho ora trilhado acena para o valor da *práxis* compassiva nos *Escritos da casa morta*, articulável a elementos morais de duas grandes Tradições Espirituais da Humanidade – Cristã e Budista – e a concepções filosóficas contemporâneas – o pensamento de Arthur Schopenhauer e a (bio)ética para todos os seres – caracterizando uma possível ética *dostoiévskiana da compaixão*.

Esta é uma hipótese, preliminar, que deverá merecer análise posterior, a partir da releitura dos *Escritos* e da análise pormenorizada de outros textos do autor. Aposta-se que se trata de uma ideia a ser investigada – especialmente neste momento, 2021, ano em que se comemora o Bicentenário de Dostoiévski, mas que segue miseravelmente marcado pela “apologia da violência, [...] desvalorização do homem e desprezo por sua vida”⁴¹ – quiçá como forma de prestar-lhe merecida homenagem: o reconhecimento de que sua vida e sua obra podem representar o fomento, existencial, para a utopia de uma sociedade livre, justa e fraterna.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução: Paulo Bezerra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BEER, Daniel. *A Casa dos Mortos: o exílio na Sibéria sob os Romanov*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BEZERRA, Paulo. “A tradução como criação”. In: *Estudos avan-*

41 DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Escritos da casa morta*, p. 24 (Apresentação, Paulo Bezerra).

çados, v. 26, n. 76, p. 47-56, 2012.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução: Ivo Storniolo. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2009.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRANDON, David. *Ajuda pelo Zen-Budismo*. Tradução: Júlio César Assis Küll e José Sidnei Pereira. São Paulo: Pensamento; 1976.

BURGOS HERRERA, Omar Eden. "La ética en Dostoiévski, una crítica al racionalismo ilustrado en crime y castigo y los Hermanos Karmazov". *Revista Mexicana de Ciencias Agrícolas*, v. 2, p. 313-320, 2015.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução: Ri Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2019.

COELHO, Breno Herrera da Silva. "Laudato Si': uma breve proposta de sistematização". *Grande Sinal: Revista de Espiritualidade e Pastoral*, p. 45-57, 2020.

CORREIA, João Gabriel Antônio. A Singularidade do romance: o adolescente no conjunto literário de Fiódor Dostoiévski de 1861 a 1881. *Revista Trilhas da História*, v. 8, n. 15, 2018, p. 165-179.

DALAI LAMA. *Os estágios da meditação*. Rio de Janeiro: Rocco; 2001.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e castigo*. Tradução: Paulo Bezerra. 7ª ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Escritos da casa morta*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2020.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Gente pobre*. Tradução: Fátima Bianchi. São Paulo: Editora 34, 2009.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Humilhados e ofendidos*. Tradução: Fátima Bianchi. Editora 34, 1. ed., 2018.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Noites brancas*. Tradução: Carlos Loures. "O Dialético", 2003.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O duplo*. Tradução: Paulo Bezerra. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

- DOSTOIEVSKI, Fiódor. *O idiota*. Tradução: Paulo Bezerra. 5ª ed. São Paulo: Editora 34, 2020.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O jogador*. Tradução: Boris Schnaiderman. Editora 34, 2019.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os demônios*. Tradução: Paulo Bezerra. Editora 34, 1872.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamázov*. Tradução: Paulo Bezerra. Editora 34, 2012.
- FERNANDES, Arlene. "Racionalismo e romantismo em "Memórias do subsolo", de Dostoiévski". *RUS*, v.12, n. 18, 2021.
- FOGEL, Gilvan. "Rodion Raskólnikov ou do pretense direito ao crime (Apontamentos/itinerários para uma leitura de Crime e Castigo)". *RUS*, v.12, n.18, 2021, p. 12-25.
- FRANK, Joseph. *Dostoiévski: um escritor de seu tempo*. Tradução: Pedro Maria Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- GLEHN, Priscila Rodrigues von. *A figura de Cristo em personagens de Dostoiévski*. Dissertação (Mestrado em Literatura), Brasília, 2014.
- GUADAGNIN, Renata. "A escrita do poema como gesto de perdão: incursão entre Derrida e Celan". *Cadernos Literários*, v. 25, p. 105-116, 2019.
- HOGEMANN, Edna Raquel. "Direito e poder nos Demônios de Dostoiévski". *RJLB*, nº 4, 2017, p. 393-403.
- LARA, Pietro Augusto; JESUS, Guilherme Henrique Ceccato; VIEIRA, João Gabriel; PRATI, Patricia David. *Parricídio e psicanálise na intertextualidade das obras Rei Lear de Shakespeare e Os Irmãos Karamázov de Dostoiévski*. Saberes docentes, diversidade e inclusão na escola, práticas pedagógicas inovadoras e gestão educacional, 2019.
- MARQUES, Priscila Nascimento. "A compaixão como virtude e como fardo: anotações sobre o par Sônia e Raskólnikov, de *Crime e castigo*". *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, v. 19, p. 216-232, 2015.
- MEDEIROS, Gutemberg Araújo. *Dostoiévski, jornalista*. Universidade de São Paulo, 2005.

NOGUCHI, Eduardo Armaroli. "O fracasso do bem: os paradoxos da religiosidade de Dostoiévski em *O Idiota*". *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, v. 16, n. 2, p. 407-446, 2013.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Tradução: André Malta. Porto Alegre: L&PM, 2014.

PLIASSOV, Vladimir. *Fiódor Dostoiévski (1821-1881)*. Universidade de Coimbra, c2021.

SCHOPENHAUER, A. *Sobre o fundamento da moral*. Tradução: Maria Lúcia Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 132.

SILVA, Ana Gabriela Dutra da; BRITO, Luciana. Alieksêi Karamázov: O herói romanesco problemático de Dostoiévski. *Revista Estação Literária*, Londrina, v. 18, p.116-137, mai. 2017.

SILVA, Andrea Zeppini Menezes da. "Chalámov e Dostoiévski: uma perspectiva sobre *Recordações da Casa dos Mortos*". *RUS*, v. 6, n. 6, 2015, p. 81-90.

SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo. "A medicina, uma ciência humana" (apresentação). In: SILVA SANTOS, S. *A integração do ciclo básico com o profissional no Curso de Graduação em Medicina: uma resistência exemplar*. Rio de Janeiro / Teresópolis: Papel & Virtual / FESO, 2005, p. ix-xiii.

SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo; SCHRAMM, Fermin R. "A bioética da proteção e a compaixão laica: o debate moral sobre a eutanásia". *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14, 2009, p. 1241-1250.

SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo. "(Bio)ética para todos os seres: proêmio". In: CASTRO, J. C.; NIEMEYER-GUIMARÃES, M.; SIQUEIRA-BATISTA, R. *Caminhos da Bioética – Vol. III*. Teresópolis: Editora Unifeso, 2020.

SOUZA, Leonardo Cruz; MENDES, Mírian Fabíola Studart Gurgel. Príncipe Liev Nikoláievitch Míchkin "(*O Idiota*, Fiodor Dostoevsky) e a síndrome de personalidade interictal na epilepsia do lobo temporal". *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v. 62, n. 2b, jun., 2004, p. 558-564.

SUZUKI, Daisetz T. *Introdução ao Zen-budismo*. Tradução de Eloise de Vylder. São Paulo: Mantra, 2019.



TANASE, Virgil. *Dostoiévski (Biografia)*. Tradução Gustavo de Azmbuja Feix. L&PM Pocket, 1. ed., 2017.

VÁSSINA, Elena. "A poética do drama na prosa de Dostoiévski". In: *Caderno de Literatura e Cultura Russa*, 1. ed. São Paulo: Ateliê, 2008.

Recebido em: 15/09/2021

Aceito em: 09/11/2021